

## ESPACIALIDADES E ODORES: MAPAS OLFATIVOS

Luisa Paraguai. Universidade Anhembi Morumbi

### RESUMO

O cheiro pode ser compreendido como um fenômeno cultural, historicamente significado, determinando e/ou transgredindo estruturas sociais, criando outros laços – nomeando poder ou não às pessoas. A percepção do cheiro consiste não apenas na sensação dos odores propriamente dito, mas nas experiências e emoções associadas aos mesmos. Assim, o cheiro pode ser usado para estruturar e classificar diferentes aspectos do mundo – tempo/espaço, gênero e individualidade, combinando limites espaciais e laços sociais. O objetivo deste texto é compreender alguns aspectos culturais dos cheiros e odores e investigar o potencial estético para elaborar conexões e configurar orientações espaciais. Ao final, alguns artistas – Usman Haque, Rion Willard e Jenny Marketou, e seus projetos serão apresentados ao mapearem e descreverem espaços físicos, assumindo os cheiros como um meio de evocar experiências.

### PALAVRAS-CHAVE

Odores, espacialidades, mapas olfativos, códigos culturais

### ABSTRACT

*Smell can be understood as a cultural phenomenon, historically signified, enforcing social structures or transgressing them, creating other bonds – empowering or disempowering people. The perception of smell consists not only of the sensation of the odours themselves, but of the experiences and emotions associated with them. Thus, smell can be used to structure and classify different aspects of the world, from time and space to gender and selfhood, combining spatial limits and social bounds. The aim of this text is to comprehend some cultural aspects of smells and odours, and their aesthetical potential to elaborate social connections and configure spatial orientations. At the end, some artists – Usman Haque, Rion Willard and Jenny Marketou – will be presented since their art works proposals of mapping and describing physical spaces through smells and odours can be apprehended as a medium to create evocative experiences.*

### KEY-WORDS

*Odours, spatialities, smell maps, cultural codes.*

### Introdução: Espacialidades e experiências do cotidiano

Primeiramente, faz-se necessário contextualizar teoricamente o termo espaço, para situar a experiência humana como realidade produzida e reconhecida pelos indivíduos. Distintos sistemas, capazes de definir e/ou produzir aparências – como os objetos técnicos, as organizações sociais, os sistemas financeiros, os meios de comunicação, as culturas, produzem interferências na ocorrência dessas experiências, e isto implica

reconhecer que a determinação do lugar torna-se indefinidamente diferida e localizada – a direção só existe porque alguém a traçou e foi reconhecida socialmente pelo grupo. Assim, os lugares estão encarnados nos homens e estes expressam no cotidiano o que é o lugar. Como Merleau-Ponty (1999, p.339) afirma “a existência é espacial, e ser é sinônimo de ser situado”. A compreensão do espaço como uma construção fenomenológica e uma prática social podem implicar em reconhecer e abordá-lo como uma experiência territorial; uma configuração instantânea – uma atualização, um registro de posições específicas e relações de coexistências, dependentes das ações dos indivíduos no cotidiano.

Ao introduzirmos a “teoria de momentos” para compreendermos o cotidiano, assumimos os ambientes, situações e contextos do espaço físico como “modalidades de presença – uma pluralidade de momentos relativamente privilegiados” (LEFEBVRE, 1960), nos quais os comportamentos das pessoas potencializam e/ou produzem transformações. Assim, a essência das relações e atuações dos indivíduos no cotidiano podem ser definidas por operações formais, virtualizando a materialidade das coisas que se desdobram em eventos e significações no mundo.

Importa-nos também pontuar a relação entre espaço e corpo, e portanto, compreender o indivíduo enquanto um sistema complexo de interconexões e espacialidades. Autores, como Certeau (1984), Lefebvre (1960, 1991) e Hall (1982) são referenciados neste texto para compreender o espaço como ocorrências e efeitos produzidos por operações distintas dos indivíduos, as quais “(...) orientam, situam, temporalizam e fazem o mesmo trabalhar em uma unidade polivalente de programas conflituosos ou proximidades contratuais. (...) Espaço é um local praticado” (CERTEAU, 1984, p.117).

Assim, conforme Ferrara (2007, p.12) afirma “a emergência do espaço pode ser compreendida como uma experiência do sensível, (...) a espacialidade cria uma teoria do espaço como uma comunicação ideológica da cultura”. Para a autora a espacialidade, a visualidade/visibilidade e a comunicabilidade são categorias expressivas do espaço, compreendido como um fenômeno e experiência no mundo,

capaz de elaborar manifestações distintas. Importa salientar neste texto que, podemos também experienciar independente do domínio do visual, o que significa assumir os limites físicos como proposições das relações corpo/espaco e, aí então, temos outras situações determinantes para a nossa percepção. Noë (2012, p.19 tradução nossa) reconhece a “presença perceptiva como disponibilidade”, e explicita que nosso acesso e conhecimento do mundo depende da aproximação física e do direcionamento intencional. Desta forma, a espacialidade contemporânea, dependente da hibridização das práticas, tecnologias e subjetividades do cotidiano, acontece como uma construção constante e dinâmica de uma dada ordem, e atualiza-se a cada ação particular e própria de experimentação.

### **Odores e percepções: agendamentos químicos e construções culturais**

O olfato representa uma parte do sentido do cheiro e está relacionado com diálogos químicos, anatomia e respostas comportamentais; para Morton (2000, p.256) caracteriza-se por “uma relação dinâmica e interdependente entre anatomia e comportamento, capacidades genéticas e características culturais”. Deixando de lado os processos semânticos, uma percepção olfativa é usualmente causada por uma substância física; as moléculas são leves o suficiente para evaporarem e serem carregadas pelas correntes de ar até os nossos narizes. Células olfatórias em nosso nariz convertem o sinal químico – a molécula, em um sinal elétrico (um impulso nervoso) que irá percorrer os nervos olfativos até o cérebro, e aí então ser interpretado. Esta dependência matéria para a ocorrência da percepção do cheiro tenciona outras características como a fluidez e a adaptabilidade do mundo contemporâneo, e será tratado neste trabalho como um dado fundamental para articular as práticas e processos estético, que validam outros padrões e modelos de ocupação territorial.

Os odores naturais são compostos por um grande numero de moléculas – por exemplo, o cheiro de rosa é composto por 172 diferentes substâncias, que são marcados

diferentemente pelos receptores nasais e terminam por realizar contribuições específicas para o odor resultante. Sobel afirma que

Nós revelamos uma clara correlação entre o padrão de reação do nervo olfativo para com os distintos cheiros e a sensação agradável em relação aos mesmos. Como na visão e audição, os receptores do nosso sentido olfativo são organizados espacialmente de forma a refletir a natureza da experiência sensorial (SOBEL apud WEIZMANN INSTITUTE, 2011, tradução nossa).

Em adição, as pesquisas confirmam a ideia de que nossa experiência, relativa aos cheiros, como agradável ou desagradável está profundamente relacionada com a nossa fisiologia, e não simplesmente como resultado de uma preferência individual. No entanto, os cientistas não descartam as diferenças de percepção dos cheiros, pois reconhecem o contexto cultural e as experiências individuais como fatores de reorganização da membrana olfativa ao longo da vida das pessoas. Isto significa dizer que, os cheiros, ainda que acionem uma dada sensação, podem ser alterados e reconfigurados diante das expectativas individuais, resultando em uma distinta percepção dos mesmos. Como afirma Gilbert (2008, p.89, tradução nossa) “os odores avaliados positivamente como agradáveis terminam por esvanecer de nossa consciência, enquanto aqueles, creditados como ruins e desagradáveis, chamam a nossa atenção e permanecem fortes por mais tempo”. Assim, para o autor “os cheiros não acontecem para um nariz de forma passiva” (IBID, p.90, tradução nossa).

O cérebro determina ativamente os aspectos cognitivos e físicos da percepção olfativa, controlando quanto será inalado pelo nariz e a intensidade do cheirar; em seguida, alguma interpretação deste cheiro, baseada nas características ambientais e na história pessoal, termina por materializar as respostas comportamentais. Entende-se assim que, o nariz e o cérebro constantemente reconfiguram nossa consciência sobre os cheiros e odores que nos circundam, enquanto ressignificamos diferentemente de acordo com as distintas situações.

Cheiro e linguagem apresentam uma relação complexa, organizando as características ambientais e fatores pessoais e sociais, organizada no espaço e tempo, e mapeadas pelas culturas. Assim, para Gilbert (2008),

(...) falando estritamente, os cheiros apenas existem em nossas cabeças. As moléculas existem no ar, mas nós podemos registrar apenas algumas como cheiros. Os odores são percepções, não coisas no mundo. O fato de uma molécula de phenylethyl alcohol cheirar como rosa é uma função de nosso cérebro e não uma propriedade da molécula” (GILBERT, 2008, p.25, tradução nossa).

Para muitos animais, o cheiro provoca um estado de atenção, capaz de acionar respostas de sobrevivência mapeadas biologicamente; em contraste, as habilidades cognitivas humanas codificam os cheiros em símbolos, que passam a significar e a produzir realidade. Gilbert (2008, p.66, tradução nossa) afirma que “o equipamento físico – tamanho das áreas do cérebro, número de células nervosas ou tipos de receptores, devem ser menos importantes do que o cérebro elabora com as informações que chegam”. Assim, como os atos de ver e escutar, os sentidos do cheiro e tato podem ser desenvolvidos pela prática e desta forma apreender significados do mundo.

É pertinente apontar alguma categorização de odores, uma vez reconhecida a capacidade destes caracterizarem objetos e lugares, tornando-os distintos, produzindo especificidades e materializando lembranças. Para Howes et al. (1994, tradução nossa) “o odor pode ser natural (por exemplo, o odor corpóreo), manufaturado (por exemplo, o perfume) e simbólico (por exemplo, a afirmação que cada grupo racial tem um específico odor – uma proposição não comprovada cientificamente)”. A tentativa de classificar o uso de cheiros é determinante para pensar sobre a percepção e apreensão do mundo – sobre as interações humanas. Isto significa articular significativamente o uso de odores em rituais e no cotidiano, frequentemente sob a perspectiva de transformação e reconfiguração da própria realidade.

Os cheiros são tanto carregados quanto incorporados pela respiração, que determina a sobrevivência do próprio corpo. Fluidos corpóreos, são também associados com a força da vida, e todos também possuem diferentes cheiros. Estes odores corporais, emanados do interior das pessoas, formalizam a impressão de uma essência individual, ou a essência do ser (CLASSEN et al., 1994, p.16, tradução nossa).

Para Howes et al. (1994) é possível definir,

uma classificação olfativa cultural, baseada no uso dos odores, com as seguintes categorias: pessoas, animais e plantas dadas pelo odor natural e/ou

odor simbólico atribuído (por exemplo, as diferentes raças apresentam cheiros diferentes); grupos de pessoas dentro da sociedade (por exemplo, as mulheres e homens, crianças e adultos); espaços, domínios e universos conforme o odor ambiental dos diferentes territórios; um sistema válido baseado no simbolismo olfatório (por exemplo, caracterizar certos odores como bom ou ruim e assinalá-los para diferentes seres ou estados para significar (HOWES et al., 1994, tradução nossa).

O primeiro exemplo é o calendário dos habitantes da ilha Andaman baseado no ciclo de plantas biológicas; eles nomeiam os diferentes períodos do ano conforme a fragrância das flores que desabrocham nas específicas estações. “Assim, o ano deles é um ciclo de odores e o calendário, um calendário de cheiros” (CLASSEN et al., 1994, p.105). A tribo Desana, da região Amazônica da Colômbia, acredita que cada grupo tribal possui seu próprio odor, determinando um característico cheiro territorial; homens e mulheres também possuem diferentes e específicos odores. Assim, “a paisagem olfativa do ambiente consiste em uma variedade de zonas interconectadas por diferentes rastros de cheiros das pessoas, animais e plantas, que convivem na região” (CLASSEN et al. 1994, p.99). Enquanto a maioria das pessoas definem os odores de coisas danificadas e deterioradas como desagradáveis, a tribo Dassanetch – que vive do plantio e pastoreio na Etiópia, reconhece que ambos os cheiros, classificados como ruim ou bom, são necessários para o ritmo do tempo e da vida, e sendo assim, uma estação olfativa prepara o mundo para a próxima; portanto, deve-se ponderar as reações negativas em virtude das profundas relações entre duas condições existenciais (CLASSEN et al., 1994, p.105). Entre os indivíduos da tribo Bororo, oriundos da região do Mato Grosso no Brasil, existem dois cheiros básicos – fétido e doce, significando as duas forças cósmicas: vida e espírito. Esta divisão olfatória simples determina a estrutura das crenças e práticas dos Bororos, referente ao corpo, às ordens naturais e sociais, e ao espírito (CLASSEN et al., 1994, p.102). Podemos compreender que os códigos culturais baseados no nosso sistema olfatório terminam por criar e/ou reforçar hierarquias sociais, quer aconteçam no nível subconsciente ou não.

### **Projetos artísticos: espaços e mapas olfativos dinâmicos**

Focando nas relações entre espaços físicos e cheiros, alguns projetos artísticos foram mapeados, na medida em que compreendem os territórios como locais demarcados por fluxos dinâmicos de informação, evocados pelos cheiros e odores. Importa-nos pensar como algumas convenções de uso e mapeamento do espaço físico podem ser reformulados pelos códigos olfativos – aspectos não visuais, mas reconhecidamente um fenômeno perceptivo e cognitivo.

O trabalho *Scents of Space* é um projeto colaborativo entre Usman Haque, Josephine Pletts e Dr. Luca Turin. O grupo procurou demonstrar como o cheiro pode ser usado espacialmente para criar zonas físicas – limites e contornos, configuradas dinamicamente pelas fragrâncias exaladas. A instalação consiste de uma área retangular de 9 metros de comprimento, com tapamento vertical translúcido que brilha interiormente durante o dia e exteriormente à noite. Um contínuo e suave fluxo de ar laminar é gerado dentro do espaço de exibição por um arranjo de ventiladores, controlados por uma série de telas de difusão, conforme mostra a figura 1 abaixo.

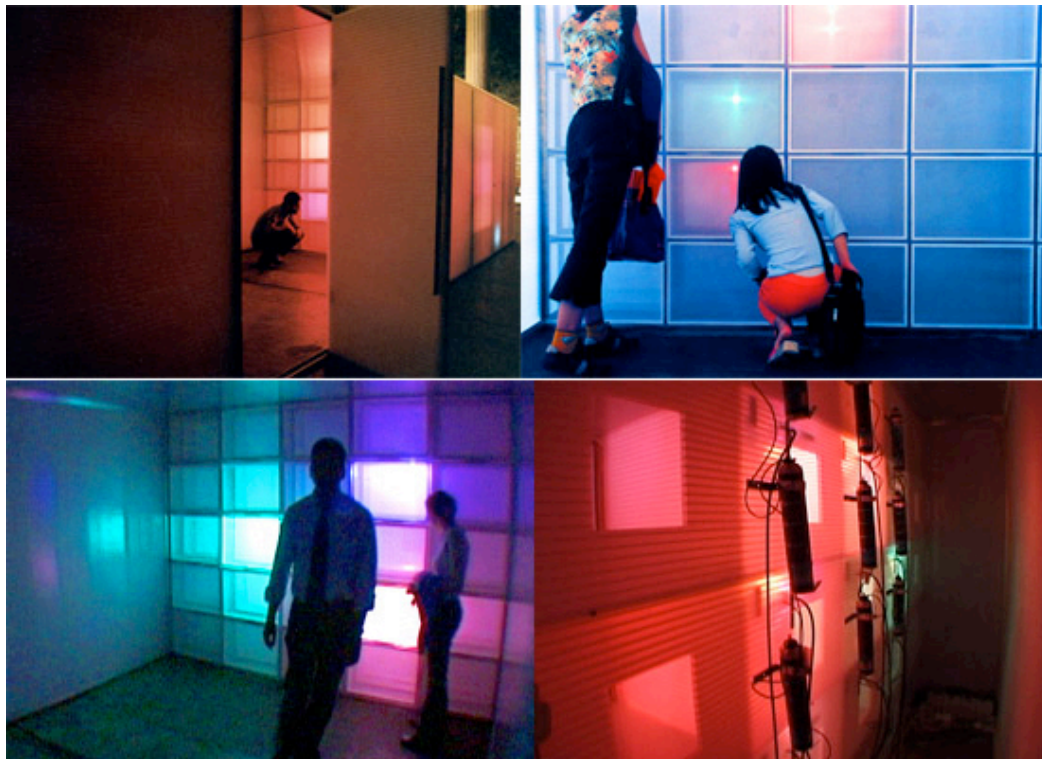


Figura 1: Espaço de exibição e dispositivos de distribuição dos cheiros.

Fonte: <http://www.haque.co.uk/scentsofspace.php>

Pequenos containeres, distribuidores da fragrância, são controlados computacionalmente para selecionar o local específico a ser aspergido, evitando, assim, que o cheiro percorra o espaço na sua extensão total. Os cheiros são liberados em resposta ao deslocamento das pessoas pela instalação, e terminam por atualizar a percepção olfativa e significação do espaço; na medida em que os visitantes compreendem a lógica de funcionamento, e desejem, passam a compor o espaço com outras fragrâncias a partir dos seus deslocamentos e movimentos corpóreos.

A mesma intenção de explorar a natureza evocativa do sistema olfativo pode ser vista no trabalho *Scents of Space*, de Rion Willard. O artista procura investigar como a percepção espacial é povoada, alimentada e ressignificada pela nossa memória quando os cheiros denotam as experiências vividas. Usando uma série de delicados operadores de ar (figura 2), os aromas foram liberados na região de *Shoreditch Triangle* [1], em Londres, procurando reintroduzir cheiros e odores que deveriam ter existido nesta região.



Figura 2: Dispositivo, *Scents of Space*.



Fonte: <http://rionwillard.com/index.php?/project/scents-of-space/>.

Jenny Marketou no trabalho *Smell It: A Do-It-Yourself Smell Map*, em 2008, criou uma instalação interativa, na qual as pessoas passaram a compartilhar experiências olfativas. Aos visitantes foram dados mapas da região (figura3), enquanto eram convidados a percorrer as vizinhanças e mapear os cheiros e odores, que marcadamente transformaram o andar pelas ruas locais. De volta à galeria, os participantes puderam adicionar suas experiências olfativas em um mapa coletivo, registrando a diversidade de respostas e a individualidade das percepções (figura 4); uma paisagem olfativa foi delineada, elaborando outros limites físicos ao contabilizarem as transformações temporais – um dia após o outro, e as contaminações culturais. Outras experiências coletivas para a criação de mapas olfativos podem ser encontrados no projeto *New York Times online map* [2] e no *website* japonês *nioibu* [3]. O primeiro projeto explora combinações interessantes entre as expressões olfativas, que ocorrem durante o dia e aquelas do período noturno, em distintas regiões da cidade de Nova Iorque, especificamente durante o verão. O *website* japonês, organiza-se como um clube do cheiro, com o objetivo de pontuar e mapear odores distintos através do mundo. Inspirado nesta iniciativa, outros projetos foram criados para catalogar as relações entre os cheiros e os espaços físicos, como podemos citar *Great British Smell Map* [4], *New York Subway Smell Map* e os mapas para as cidades de *Minneapolis* e *Saint Paul* no estado de *Minnesota*, Estados Unidos.

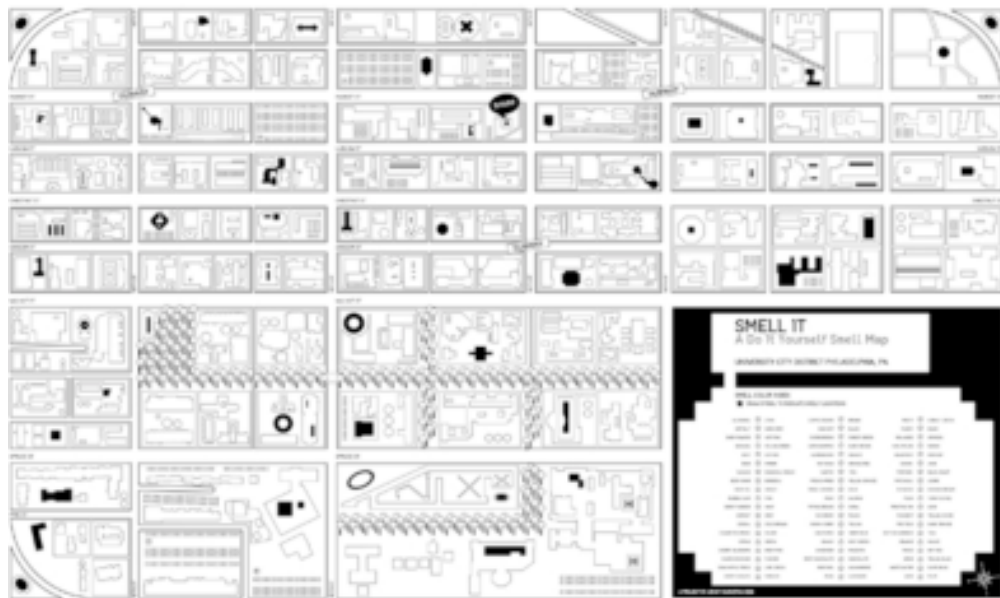


Figura 3: Mapa da região a ser percorrida, *Smell It: A Do-It-Yourself Smell Map*, 2008.

Fonte: [http://www.jennymarketou.com/works\\_2008\\_7.html](http://www.jennymarketou.com/works_2008_7.html)



Figura 4: Espaço de exibição, *Smell It: A Do-It-Yourself Smell Map*, 2008.

Fonte: [http://www.jennymarketou.com/works\\_2008\\_6.html](http://www.jennymarketou.com/works_2008_6.html)

## Considerações finais

Os cheiros são investidos de valores culturais e podem ser compreendidos como um modo de significar – um modelo para definir e interagir com o mundo. Para Haque (2004), as pessoas em suas experiências olfativas podem ter a habilidade de organizar experiências espaciais, e então, significar modos de comportar-se no mundo. Os trabalhos apresentados, compõem experiências compartilhadas e contextos pessoais do cotidiano, podendo evocar uma espécie de arrebatamento multisensorial, nos quais os artistas reconhecem como uma possibilidade – uma condição sinestésica, para comungar memória, associação e produzir significados.

Os sistemas de classificação olfativa produzem significados, lógicas específicas e estes códigos são locais mais do que universais. Cada sistema pode apenas ser estudado em seu contexto atual e para fazê-lo é preciso considerar a integração entre outros sentidos – visual, sonoro, gustativo e táctil. Assim, *osmologies* – os estudos sobre a identificação dos odores, estão relacionados com outros esquemas do universo sensorio; isto significa afirmar que significados olfativos estão diretamente conectados com os sistemas de cor, da mesma forma que os significados visuais estão para os sonoros, e assim por diante. Estas associações inter-modais são validadas neste cenário pelo “modelo de inter-sensorialidade” apresentado por Howes (2006, p.164), quando descreve sobre as interconexões dos sentidos, que não necessariamente precisam atuar com harmonia, mas também se tornam válidas em situações de conflito.

Uma outra importante consideração é a impossibilidade de conter os cheiros, determinada pelas suas características químicas, na medida em que as moléculas se reconfiguram a cada condição ambiental particular. Esta específica condição aponta para um potencial estético de transgressão e atravessamento dos limites físicos; ainda que matéria, as moléculas podem compor com diferentes elementos e resultarem em outras unidades olfativas. Cheiros e odores podem evocar reações distintas das pessoas, questionando a privacidade, perspectivas pontuais e interações superficiais, na medida em que reformulam aproximações, trocas e contatos físicos.

## Notas

[1] A região denominada *Shoreditch Triangle* na cidade de Londres, incorpora a *Shoreditch High Street*, *Great Eastern Street* e a parte mais sudeste da *Old Street*, e tem se tornado, nos últimos 10 anos, um centro artístico internacionalmente reconhecido.

[2] Disponível em <<http://www.nytimes.com/interactive/2009/08/29/opinion/20090829-smell-map-feature.html?th&emc=th>>. Acessado em 10 novembro de 2011.

[3] Disponível em <<http://www.nioibu.com/>>. Acessado em 10 novembro de 2011.

[4] Disponível em <<http://theridiculant.metro.co.uk/2009/01/help-us-create-the-great-british-smell-map.html>>. Acessado em 10 novembro de 2011.

## Referências

CERTEAU, Michel de. **The Practice of Everyday Life**. Berkeley: University of California Press, 1984.

CLASSEN, Constance; HOWES, David; SYNNOTT, Anthony. **Aroma: The Cultural History of Smell**. New York: Routledge, 1994.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. (ed.) **Espaços comunicantes**. São Paulo: Annablume, Grupo ESPACC, 2007.

GILBERT, Avery. **What de nose Knows, the Science of Scent in Everyday Life**. New York: Crown Publishers, 2008.

HALL, Edward T. **The Hidden Dimension**. Garden City, NY: Anchor Books Editions, 1982.

HAQUE, Usman. **The choreography of sensations: Three case studies of responsive environment interfaces**. 2004. Disponível em <<http://www.haque.co.uk/papers/choreography-of-sensations.pdf>>. Acessado em 10 Janeiro 2012.

HOWES, David. Scent, sound and synaesthesia: intersensoriality and material culture theory. In TILLEY, C.; KEANE, W.; KÜCHLER, S.; ROWLANDS, M.; SPYER, P. (eds). **Handbook of Material Culture**. London and New York: SAGE Publications, 2006, p.161-172.

HOWES, David; SYNNOTT, Anthony; CLASSEN, Constance. **Anthropology of odour**. Disponível em <<http://www.david-howes.com/senses/Consert-Odor.htm>>. Acessado em 10 Novembro 2011.

LEFEBVRE, Henri. The theory of moments and the construction of situations, **Internationale Situationniste #4**, Junho, 1960. Disponível em <<http://www.cddc.vt.edu/sionline/si/moments.html>>. Acessado em 19 Julho 2011.

LEFEBVRE, Henri. **The Production of Space**. Cambridge, MA: Blackwell, 1991.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORTON, Thomas Hellman. Archiving odours, in N. Bhushan and S. Rosenfeld (eds), **Of Minds and Molecules: New Philosophical Perspectives on Chemistry**. Oxford: Oxford University Press, 2000. p.251-272.

NOË, Alva. **Varieties of presence**. Cambridge, MA; London, England: Harvard University Press, 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Space and place: the perspective of experience**. 7<sup>th</sup> Printing. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 2011.

Weizmann Institute. **New organizing principle for our sense of smell**, September, 2011. Disponível em <<http://wis-wander.weizmann.ac.il/new-organizing-principle-for-our-sense-of-smell>>. Acessado em 10 Fevereiro 2012.

### **Luisa Paraguai**

Professora, artista e pesquisadora no Mestrado em Design, Universidade Anhembi Morumbi. Mestre e doutora em Multimeios pelo Instituto de Artes, UNICAMP. Consultora Ad Hoc da CAPES. Colaboradora da Leonardo Digital Review, MIT. Diretora Editorial da ABCiber. Atualmente, como Advanced Research Associates no M-Node Planetary Collegium, Milão, Itália, vem pesquisando as tecnologias móveis como práticas e mediadoras de narrativas estéticas para a experimentação do corpo no espaço.